



# Tema FUVEST: Os novos rumos do trabalho na contemporaneidade

Código da Redação  
FUVEST252019

## TEXTOS MOTIVADORES

### TEXTO I

[...]

Com a entrada de mais de 1 bilhão de chineses no mercado de trabalho capitalista – sem contar os de outros lugares –, multidões de trabalhadores de países subdesenvolvidos têm escapado da miséria. Porém, as condições médias de trabalho no mundo todo têm piorado. Nos países centrais, por exemplo, os ganhos de produtividade não parecem se materializar em aumentos de salários (ainda que esse dado seja controverso).

Além disso, tem crescido, desde os anos 1970, o número de horas trabalhadas pelos americanos, bem como a proporção daqueles que trabalham mais de 40 horas semanais. Quarenta horas semanais foram uma conquista de trabalhadores ingleses (uma pequena porção, é verdade) ainda em 1889.

Um cenário melancólico, se pensarmos no otimismo de um J. M. Keynes que, em 1930, acreditava que os netos de seus contemporâneos poderiam viver em abundância trabalhando três horas por dia. Hoje o fantasma dos robôs e da chamada “uberização” das relações trabalhistas é um espectro que ronda todo o mundo.

Um número crescente de profissões pode facilmente ser substituída por algoritmos, robôs e outras tecnologias digitais (como a minha, de professor universitário). O Uber, que tem sido a tábua de salvação de milhões de pessoas em países como o Brasil, tem um modelo de negócio em que seu funcionário sequer é seu funcionário. Há a liberdade aparente de trabalhar quando e quanto quiser, que se materializa em jornadas intermináveis – há casos de motoristas que vivem literalmente em seus carros nos EUA – e em uma virtual ausência absoluta de direitos trabalhistas em caso de acidentes, doenças, incapacidades etc.

## TEXTO II

### **Jornada maior que 24 horas e um salário menor que o mínimo, a vida dos ciclistas de aplicativo em SP**

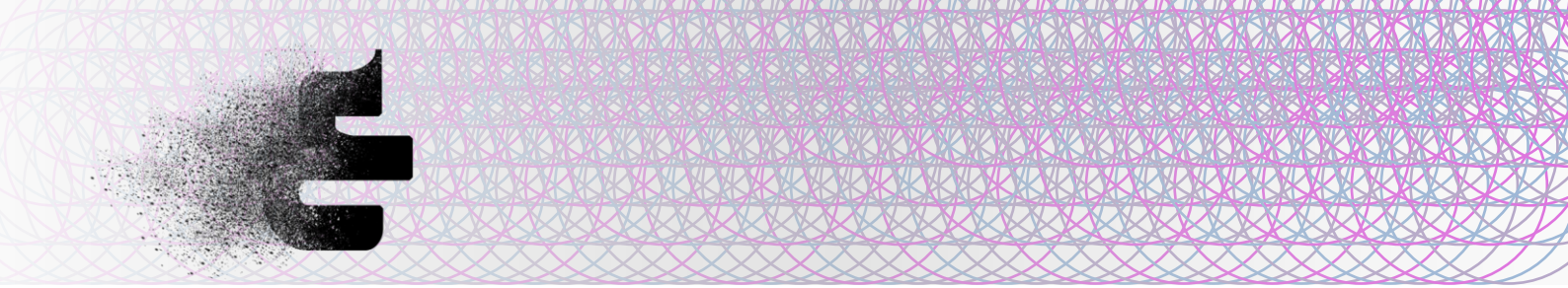
[...]

Trabalhar de segunda a domingo sem contrato, em jornadas que podem chegar a mais de 24 horas seguidas, se arriscando entre carros e ônibus, sem garantias ou proteções legais e muitas vezes por menos de um salário mínimo. E mais: em um emprego realizado até por menores de 18 anos. Este cenário —que deixaria de cabelo em pé qualquer fiscal do Trabalho— é o cotidiano de milhares de jovens como Guimarães, que trabalham de bicicleta como entregadores de aplicativos. Com a mochila térmica nas costas eles cruzam a cidade vindos, em sua maioria, das periferias da capital rumo aos principais centros comerciais da cidade.

Uma pesquisa da Associação Aliança Bike, criada em 2003 com o objetivo de fortalecer a economia que gira em torno da bicicleta, traçou o perfil destes trabalhadores com base em centenas de entrevistas: 99% são do sexo masculino, 71% se declararam negros, mais de 50% tem entre 18 e 22 anos de idade, 57% trabalham todos os dias da semana, e 75% ficam conectados ao aplicativo por até 12 horas seguidas —sendo que 30% trabalham ainda mais tempo. Tudo isso por um ganho médio mensal de 992 reais (seis reais a menos do que o salário mínimo, fixado em 998 reais). O menor valor mensal recebido encontrado no levantamento foi 375 reais, para entregadores que trabalham três horas diárias, e o maior foi 1.460 reais, para 14 horas trabalhadas.

[...]

Mas um dos problemas menos abordados dos serviços de entrega por aplicativo é a utilização de mão de obra de menores de 18 anos —constatada na pesquisa da Aliança Bike e confirmada pela reportagem. Os aplicativos exigem que os entregadores enviem fotos dos documentos ao realizar o cadastro, mas as fraudes são comuns, e a fiscalização deficiente. W. B, 18, começou a trabalhar com entregas com “16 ou 17 anos”. “Usei os documentos de um primo no cadastro porque sou agilizado, não posso ficar parado sem receber, entendeu?”, explica. A presença de menores de 18 anos atuando como entregadores contraria frontalmente o decreto federal 6.481,



de 2008, que fala sobre a proibição do trabalho infantil, seguindo disposições da Organização Internacional do Trabalho.

Fonte: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/06/politica/1565115205\\_330204.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/06/politica/1565115205_330204.html). Acesso em 12 de setembro de 2019 (trechos).

## TEXTO III

### Robôs-construtores

"O que estamos tentando fazer é repensar a maneira como projetamos e construímos, agora que temos tecnologias digitais e robótica", diz Konrad Graser, gerente de projetos da DFAB House.

"Se você pensar em como os edifícios são construídos hoje... todos são projetados para serem construídos por humanos", diz Graser. "Então, aproveitam todos os talentos que as pessoas têm, todas as coisas em que as pessoas são boas. Você não pode simplesmente transferi-los para uma ferramenta digital ou uma máquina".

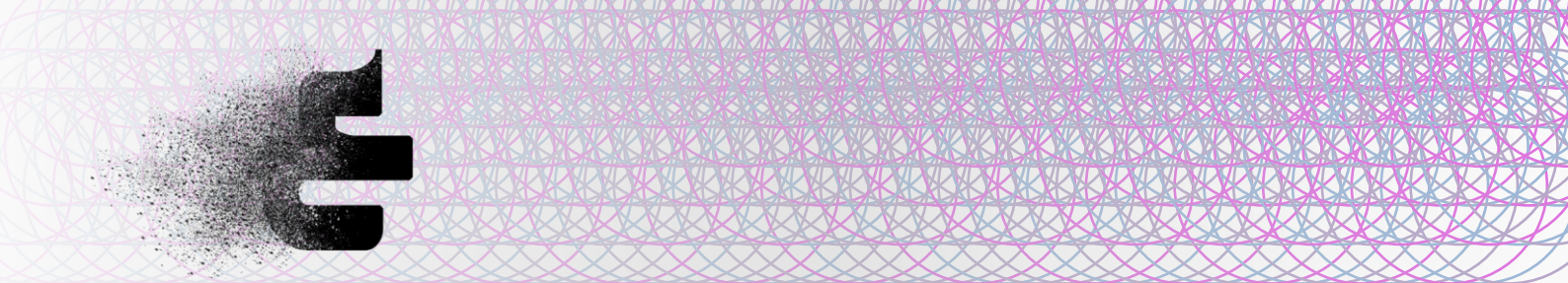
"Então, o que estamos tentando fazer é dar um passo para trás e pensar no que a máquina é boa e no que o robô é bom, e realmente repensar a forma como construímos."

A DFAB House mostrou como os robôs podem desempenhar um papel na construção, dentro e fora de casa. Os robôs constroem as estruturas de madeira que formam os andares superiores da casa e soldam a estrutura de aço da parede de concreto curvo. Graser chama isso de "impressão 3D com aço".

Da Rússia aos Emirados Árabes Unidos, da França à Holanda, arquitetos e construtores estão experimentando todas as possibilidades das novas tecnologias, como a impressão 3D.

Robôs estão sendo construídos para todos os tipos de tarefas de construção, que muitas vezes são pesadas, repetitivas e sem brilho - candidatas perfeitas para automação. Existem robôs que podem instalar placas de gesso, colocar tijolos ou levantar objetos pesados, apesar de estarem longe de substituir humanos.

Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48330256>. Acesso em 12 de setembro de 2019 (trecho).



## PROPOSTA DE REDAÇÃO

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **“Os novos rumos do trabalho na contemporaneidade”**

### Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.